



ENTRE ABERTA REVISTA DE EXTENSÃO
ISSN: 2446-9769
n. 2. v. 1. fev-ago. 2017
p. 04 - 07.

POR UMA ÉTICA DE RESPEITO ÀS DIFERENÇAS¹

Vera Romariz²

O respeito às diferenças culturais não parece integrar o cotidiano dos povos na América Latina, apesar de inúmeros esforços pontuais. Constituímos um território que se caracterizou pela mistura de culturas, por um caráter híbrido de formação histórica, mas temos, via de regra, uma prática que desrespeita a contribuição das muitas culturas que nos formaram como povo. Darcy Ribeiro dizia que os negros e indígenas que chegavam aos nossos grandes centros urbanos foram de forma gradativa habitar nos subúrbios pobres de suas periferias, formando um subproletariado periférico.

Nós, brasileiros, diferentes porque resultado de três raças, do encontro com várias etnias, nos esquecemos de olhar o retrovisor de nossa própria história. Somos híbridos, somos misturados e, como diria o escritor Mário de Andrade, temos a “África e a Índia dentro de nós”. Não entendemos nossa diferença e, estranhamente, rejeitamos o diferente. Mas há muitas formas de diferença cultural e algumas de suas formas não se limitam ao conceito racial.

Quando eu era muito jovem, os diferentes me assustavam: a esse respeito, é viva em minha memória o receio que sentia ao ver um pintor cujo olhar julgava meio estranho. Ele morava em uma casa próxima de um lugar frequentado por jovens, e o simples fato de entrar naquela rua assustava a juventude da época, nos distantes anos 60. Como se o diferente fosse algo criminoso. Ele era apenas um artista e na Maceió provinciana daqueles anos, e um pouco agora, o artista era visto pela maioria da população como um ser esquisito, assustador. Artistas são pessoas diferentes de nós, diziam as mães e avós! Evitem-nos, era o discurso por vezes explícito; o implícito era que o artista é sempre um libertino, desrespeitador dos bons costumes. Vi depois de muitos estudos que o que se julga como desrespeito à cultura constitui, na verdade, um olhar diferenciado, menos submisso às convenções e signos culturais. O crítico e pensador José Guilherme Merquior afirmava que os bons intelectuais formulam uma verdadeira crítica da cultura, porque não julgam importante aceitar sem reservas o pensamento da tradição cultural. Os tempos e a sociedade são dinâmicos e a cultura também o é; seus fenômenos constituem uma espécie de processo, que se mobiliza através dos tempos e se renova.

1 Comunicação oral proferida no seminário “Respeito às Diferenças”, da PROEX, no Centro Universitário Cesmac, em agosto de 2016.

2 Doutora em Letras e Pró-Reitora Adjunta Acadêmica de Extensão Comunitária do Centro Universitário Cesmac.

Muito depois, verifiquei que o meu espanto juvenil diante de um diferente estava contaminado por um tolo preconceito contra os artistas, muito comum em meios provincianos. E aquele pintor era apenas um homem inteligente e, por isso, crítico das convenções da tradição cultural e social. Um intelectual que com sua arte também criticava elementos da cultura brasileira e nordestina. Jamais conversei com esse artista; sequer conhecia o homem e, muito menos, a obra. O receio se fundava, pois, em um preconceito.

Pude depois entender o significado do termo preconceito; significa o ato de formular previamente um conceito sobre algo ou alguém que desconhecemos e, assim, o conceito pré-formulado tem bases absolutamente falsas. É um princípio errôneo científica e humanamente falando.

Já adulta, conheci em minha rua do Farol um lavador de carros, negro e que era homossexual; os meninos de classe média lhe dirigiam brincadeiras ofensivas, entre risos, e ele sorria de jeito acanhado, sem perceber a profunda violência daquela execração/exposição pública.

Ele se habituara melancolicamente a ser rejeitado por ser diferente. A zombaria permaneceu por algum tempo, até que um senhor idoso interrompeu a cena grotesca; com autoridade, censurou duramente os meninos, o próprio lavador, por não defender-se, e disse algo que me comoveu: esse rapaz lava os carros de minha casa. É, portanto, um funcionário nosso. Quem o ofender, estará ofendendo a minha família. E vou reclamar aos pais de vocês se a cena se repetir. Esse velho senhor que não mais existe me ensinou duas lições importantes: a primeira era que um ser humano não pode ser desrespeitado por não ser igual a nós, e a segunda é que os empregadores precisam desenvolver uma ética no trabalho, atividade plenamente humana, que precisa respeitar e proteger os indivíduos de agressões injustas no ambiente laboral.

Julgo, prezados colegas do Cesmac, que essa foi a primeira lição de Ética sobre a diferença que um homem comum, sem títulos, apenas sábio e tolerante, ensinou à menina que fui. As boas relações de sociabilidade produzam um ambiente de trabalho saudável e respeitoso. Precisam produzir.

Cursando a graduação em letras na UFAL, tive a honra de conviver com o Drº. Théo Brandão, que dirigia o Centro de Humanas. Fui sua monitora. E pude sorver de sua mente inquieta e brilhante, com um eterno vigor de recém formado, a lição de que certa rejeição que as classes média e alta apresentavam diante da arte popular, a bela arte dos anônimos, dos diferentes de nossa cultura, se devia a um preconceito de classe, porque as expressões populares, via de regra, são desenvolvidas pelos povos à margem do letramento. E aprendi que o preconceito tanto de raça quanto de classe constitui uma certa falta de saber. Um conhecimento falacioso e lacunar.

Théo Brandão fundou o Museu que leva seu nome, cujo grande mérito foi iluminar um estamento cultural pouco respeitado: o dos homens pobres e anônimos, que produziam nossa rica cultura popular. Atentando para as lições de Câmara Cascudo, o museu abrigaria a alma, os dizeres e fazeres do povo comum, dos diferentes sociais e culturais que não encontravam espaço nos museus tradicionais. Os subalternos habitantes das periferias das grandes cidades, a que se referiu Darcy Ribeiro.

Entendi nas aulas de Antropologia que as culturas têm um código de identidade, um sentido de pertencimento que as identifica e une. Aprendi que uma cultura, a brasileira, por exemplo, tem



valores, ideias, crenças, território e convenções próprias, comuns, que a caracterizam e constroem uma forma importante de identidade, necessária, quando não exacerbada. Aprendi que uma cultura difere, sempre, de outras culturas. E que as outras também têm seus valores, ideias e convenções comuns. Pois o mundo é amplo e múltiplo, e é necessário que aprendamos a conviver com o que nos é diverso. Mas não se pode pensar que apenas a nossa cultura detém todas as verdades, porque muito do que aprendemos como verdade não se comprova cientificamente.

Porque o relativismo cultural nos mostra algo de suma sabedoria: os conceitos, valores, ideias, crenças de uma cultura são importantes para a unidade, o pertencimento de um grupo, mas relativos em relação a uma outra cultura, nunca absolutos. Outra cultura será diferente e igualmente respeitável. E terá seus valores, suas crenças, seu território. Seus signos e dizeres. Sua especificidade, com signos próprios que possibilitam o reconhecimento dos integrantes de um mesmo grupo. E o estranhamento de outros.

Quem chega a um aeroporto internacional, na hora do crepúsculo, vê quase sempre homens árabes se ajoelharem e, com o corpo voltado para a Meca, orarem a seu deus. Assim, cada grupo tem seus ritos, signos, seus valores, suas crenças. E o mundo é diverso. Mas mesmo dentro de uma mesma cultura, existem estamentos e diferentes internos. Lugares de hegemonia e lugares de subalternos, infelizmente. Sobrados e mocambos, como diria Gilberto Freyre, citando uma visão da cultura nordestina.

O velho Théo lembrou-nos que não se pode ser rigorosamente fechado em sua própria cultura; formaríamos guetos etnocêntricos, intolerantes com os outros culturais, sem ver as alteridades como tão legítimas quanto as nossas identidades, sem nos abirmos para as diferenças mais próximas ou distantes.

Mas a nossa tolerância com o diferente tem limites, evidentemente: não se podem tolerar diferenças que constituam desrespeito à vida e à liberdade, valores universais. Sempre que alguém, em nome de sua cultura e de seu Deus, restringir a liberdade ou agir com violência em relação a membros de outra cultura, deve ser punido exemplarmente. São os fundamentalismos de quaisquer religiões ou ideologias totalitárias, de ontem ou de hoje, que devemos evitar.

Essa dificuldade em lidar com a diferença cultural e social tem raízes muito antigas no mundo ocidental. No mundo grego, o estrangeiro era considerado não cidadão, um meteque, um bárbaro, aliado dos bens maiores da cultura e da sociedade grega. Bem diferente do estrangeiro de hoje, que é regulamentado juridicamente por um código que o ensina e protege. Quase sempre. Ainda que tenhamos que lidar atualmente com o doloroso problema da imigração por motivos de conflitos nos países de origem.

Prezados colegas do CESMAC: vamos desenvolver um exercício de entender o diferente, pondo-nos em seu lugar. Para a crítica cultural e psicanalista Julia Kristeva, búlgara de nascimento, ela mesma uma imigrante em Paris, que escreveu a bela obra *Estranhos a nós mesmos*, o estrangeiro, um diferente cultural em país dos outros, aprende muito cedo a conviver com a solidão e com o ódio. E apresenta o que julgamos uma melancólica estratégia de sobrevivência do estrangeiro que age:

Como uma mulher que se curva ... à rejeição do marido...como uma criança que se esconde amedrontada e com culpa, convencida de ter merecido a cólera dos pais.



Viver com o outro, com o estranho, nos confronta com a possibilidade ou não de ser um outro. Não se trata simplesmente de nossa aptidão em aceitar o outro, mas em se por em seu lugar, o que nos faz pensar em fazer de nós um pouco o outro também(*op.cit.*,1988)

Muitos diferentes convivem com o ódio e com a rejeição. O escritor alemão e ganhador do prêmio Nobel Thomas Man escreveu um conto cuja ação se desenrolava durante o nazismo, em uma escola alemã. Nela, um jovem aluno escritor era rejeitado por dois motivos: porque não era louro e de olhos azuis, mas moreno e porque gostava de Literatura e não de Ciências Exatas e de Esportes. Mas, sobretudo, na perspectiva totalitária nazista de exacerbado nacionalismo, o pior defeito de Tônio consistia em sua origem vista como duvidosa na Alemanha de então. Tônio Kroger, o personagem de Thomas Man, era filho de um alemão com uma mulher americana, considerada um ser menor, à margem do ideal nazista. A mãe de Thomas Man, na realidade, dizem alguns biógrafos, era...brasileira. Um ser menor, para a visão totalitária alemã, que ensinava a ferro e fogo o ideal de uma raça pura: a germânica.

Prezados colegas: uma cultura apresenta estamentos internos, divisões em seu interior, sobretudo de base econômica e social. Somos um país e uma região de desiguais, duplamente periféricos, interna, com nossos diferentes socioculturais e externamente, em relação aos países ricos.

Cumpra a todos nós, integrantes de um espaço acadêmico brasileiro e nordestino, produzir e possibilitar a produção de um bom conhecimento. E o que eu qualificaria de bom conhecimento?

O primeiro critério seria reconhecer que uma cultura tem sua face tradicional e sua face dinâmica, de renovação necessária de valores diante de novas identidades e diferenças. E produzir um conhecimento que permita mudanças.

O bom conhecimento, a meu ver, é o que inclui os diferentes sociais e culturais. Julgo mesmo que um saber propositivo é o que desvenda nossa diversidade cultural e social e atribui voz a nossos diferentes, entendendo nossa unidade e diversidade. É o que aproxima pelo diálogo os grupos culturais que compõem nossa realidade, fazendo-os dialogarem no esforço democrático do saber.

Para concluir, gostaria de lembrar um episódio narrado pelo escritor gaúcho Caio Fernando Abreu no livro *Morangos Mofados*. Ele descreve o assassinato de um jovem homossexual por uma turba de homofóbicos. Seu companheiro foge, mas percebe a queda vertiginosa do ser amado. Ao morrer, diz o escritor, o jovem machucado pelo preconceito tinha dolorosamente os olhos muito abertos para a dor e a perplexidade diante da violência de que era vítima.

Que nós tenhamos os olhos muito abertos mas não para a morte, e sim para a vida e a alegria de viver em um mundo que não exclui. Tolerante, verdadeiro e, por consequência, humano, surpreendentemente humanizado pelo saber que inclui e não rejeita os desiguais.

Obrigada.

